

“Puríssimo Coração”: uma escola de elite e sua imagem¹

Paula Leonard^{*}

Resumo: O presente artigo tem como tema o Colégio Puríssimo Coração de Maria, instalado na cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo. Em 1909, início do regime republicano, o Colégio foi instalado na cidade, presenciando e participando de importantes mudanças políticas e culturais ocorridas no país, especialmente para a Igreja Católica com o fim do padroado. Durante seus noventa e três anos de história, o Colégio desenvolveu, perante os habitantes da cidade, uma imagem de *escola de qualidade* e que oferece *formação integral*. O objetivo desta pesquisa é compreender como o Colégio construiu essa imagem ao longo dos anos e que interesses estavam em jogo em sua instalação e permanência em Rio Claro. A hipótese norteadora desta pesquisa traz a idéia de que a formação de mulheres professoras em meados da década de 30 foi parte fundamental dessa construção.

Palavras-chave: Escolas-história, ensino normal, educação feminina, ritos, cerimônias.

Abstract: The subject of this article is a catholic school in the city of Rio Claro, in the state of São Paulo: the “Colégio Puríssimo Coração de Maria”. In 1909, in the beginning of the republican era, the “Colégio” was founded in Rio Claro, and was involved in important political and cultural changes occurred in Brazil, especially for the Catholic Church, with the end of patronage. During its ninety-three years of history, the school developed an image of a *quality school that offers integral education*. The aim of the present research is to understand how the school built up this image through the years, and what interests were considered for its installation and permanence in Rio Claro, at a glance to its development on material and symbolic fields. The leading basis of this research brings us the idea that the education of women to be teachers in the mid thirties was fundamental for this construction.

Key words: Schools-history, preparation of female teachers at high school, education of women, rites, ceremony.

1. Uma versão anterior deste artigo foi apresentada no XXV ISCHE, International Standing Conference for the History of Education, 2003.

* Mestre em Educação pela Faculdade de Educação Unicamp. Doutoranda em História e Historiografia da Educação pela Faculdade de Educação da USP. leonardip@uol.com.br.

Introdução

Em 1909 foi instalado na cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo, Brasil, um colégio confessional católico chamado *Puríssimo Coração de Maria*. Seu prédio, imponente e austero, localiza-se no centro da cidade, em frente à Praça da Liberdade. Do outro lado da praça fica a Igreja Matriz e, à sua direita, o prédio do Fórum.

Durante seus noventa e três anos de história, o *Colégio* desenvolveu, perante os habitantes da cidade, uma imagem de *escola de qualidade* e que propicia uma *formação integral*. Convido-os a entrarem comigo no *Puríssimo* em duas datas significativas: a fundação da escola em 1909 e em 1928, quando foi fundada a Escola Normal Livre anexa ao *Colégio*. Neste passeio, procuro compreender como o *Colégio* construiu sua imagem ao longo dos anos, suas estratégias e formas de comunicá-la, bem como as mudanças e permanências em seu modo de se apresentar. Procuro também identificar que interesses estavam em jogo em sua instalação e permanência em Rio Claro.

Este artigo é resultado da minha pesquisa de mestrado, desenvolvida junto ao grupo Focus na Faculdade de Educação da Unicamp. Narro uma história que construí a meu modo e com aquilo que encontrei: as lembranças de três ex-alunas, dois livros de crônicas escritos pelas irmãs, notícias de jornais e fotos². Tento aproximar-me mais da postura do colecionador do que daquela do historiador moderno, conforme sugeriu Benjamin (GAGNEBIN, 1994). Assim, busco singularidades, emoções e contradições daqueles que fizeram parte do *Colégio Puríssimo*, tentando rememorar-lo. Busco a recuperação de dimensões pessoais, psíquicas e sociais, singularidades expressas nas relações com esse *Colégio* e a articulação com a memória coletiva.

2. Alguns esclarecimentos sobre as fontes de pesquisa: 1. Livro de Crônica: o primeiro livro contém 101 páginas cuja narrativa abrange o período de 1909 a 1947; o segundo livro dá continuidade ao ano 1947 com o qual trabalhei um período de 23 anos. 2. Quanto aos jornais, o Arquivo Público do Município de Rio Claro não dispõe de todas as publicações. Foram consultados: *O Alpha* (1908 e 1911), *O Diário* (de 1915 a 1938, exemplares avulsos, 1941, 1943 e de 1944 a 1954). 3. As fotos foram encontradas em arquivos da biblioteca do Colégio e em acervos particulares de ex-alunas. 4. Quanto às entrevistas, não me preocupei em proceder por amostragem ou qualquer outra técnica para seleção das pessoas. Freqüentemente encontrei-me com estas pessoas em lugares diversos na cidade de Rio Claro. Em uma conversa descontraída, ao descobrirem que eu estava fazendo uma pesquisa sobre o Colégio *Puríssimo*, rapidamente me diziam que estudaram lá e começavam a recordar diversos episódios de seu tempo de estudante. Três entrevistas foram escolhidas para compor o trabalho.

A herança da inspiração divina

1909. O Livro de Chronica da comunidade das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, congregação à qual o *Colégio Puríssimo* pertence, relata os primeiros passos para a fundação:

Querendo Nosso Senhor que a singela cidade de Rio Claro prosperasse espiritualmente como prosperava materialmente, inspirou ao Revmo Cônego Francisco Botti, Vigário da mesma, que abrisse um collegio de religiosas, para o ajudarem nessa santa empresa (LIVRO DE CHRONICA, p.2).

O relato continua em meio a um emaranhado de cartas, pedidos e ordens. A escola foi financiada em seus primeiros meses pelo Apostolado de Oração, grupo formado por senhoras rio-clarenses. Focalizando a situação da Igreja Católica e a situação daqueles que matriculavam seus filhos no *Colégio Puríssimo*, é possível traçar um quadro dos interesses envolvidos em sua fundação.

Em âmbito geral, enfraquecida devido às conseqüências da Revolução Francesa e ao avanço do liberalismo, a Igreja Católica passava, desde meados do século XIX, por um período de reordenação de sua filosofia, procurando, com novos empreendimentos, outras formas de garantia de seu capital simbólico e econômico, que não a aliança institucionalizada com o Estado. O chamado ultramontanismo ou romanização consistia num processo de expansão do Catolicismo de Roma sob a influência direta do papado. Através da encíclica *Quanta cura* e o *Syllabus errorum*, a Igreja condenava os “erros modernos”, a saber: o racionalismo, o liberalismo, o socialismo, o protestantismo, o espiritismo e a maçonaria. Diante da perda de territórios na Europa, a Igreja reforçou sua presença em diversos países, dentre eles o Brasil. Dessa forma a autoridade romana seria resgatada para além da Europa.

No Brasil, a Igreja Católica reestruturava-se, procurando estender igrejas e seminários por todo o território nacional, atingindo grandes e pequenas cidades. Sua construção institucional e federalização iniciaram-se no século XX, logo após o fim do padroado e a mudança de regime político (MICELI, 1988). Para Miceli, a política expansionista da Igreja Católica no Brasil voltava-se para duas direções: reconquistar os espaços ameaçados com a ruptura com o Estado e recrutar novos grupos para constituírem a elite eclesiástica. Entre o programa básico de itens a serem implantados nas dioceses (frentes de atuação) estava a fundação de estabelecimentos de ensino e de jornais ou periódicos, edificação de palácios episcopais, criação de Seminários Diocesanos e construção ou reforma das catedrais. Os colégios e escolas podiam significar aproximação com as elites e fonte estável de renda para financiar obras diocesanas. Segundo Miceli (1988), a chamada República Velha foi a fase áurea de expansão dos colégios em quase todas as cidades-sede das novas circunscrições eclesiásticas.

Os trabalhos realizados por Monsenhor Botti no Brasil indicam sua estreita vinculação com o ultramontanismo: reformas da Igreja matriz, instituição de diversas associações, fundação do *Seminário Estigmatino* e do *Escholasticado Claret* e a fundação do *Colégio Puríssimo Coração de Maria*, dois anos após sua chegada na cidade. Cabe ressaltar que, em Rio Claro, artigos que questionavam e atacavam a Igreja Católica eram publicados no jornal *O Alpha*. Além disso, o luteranismo, presbiterianismo e espiritismo ali se faziam presentes com suas instituições e também fundando escolas³. Certamente a iniciativa de monsenhor Botti em fundar um colégio de freiras na cidade estava ligada a três fatores: a política de reestruturação e expansão da Igreja Católica em duas direções (reconquista de espaços e recrutamento), a situação específica do campo religioso na cidade de Rio Claro e uma demanda da elite para educar seus filhos.

Até a data da fundação do *Colégio Puríssimo* havia somente quatro escolas católicas na região: em Araras, Campinas, São Carlos e Sorocaba. Já nos dez anos seguintes (de 1909 a 1919), o número de fundações de colégios, escolas ou obras sociais católicas praticamente dobrou e esse crescimento continuou se acentuando nos próximos dez anos, chegando a 12 fundações, em 1929 (MOURA, 2000).

Entre 1849, ano de sua instalação no Brasil, e 1889, ano da Proclamação da República, a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria havia fundado ou dirigido 8 escolas. Depois disto, somente no período entre 1900 e 1910, esse número cresceu para quatorze (RELATÓRIO DE OBRAS ICM). Essa década e a década de 30 representam os períodos de maior expansão em número de escolas da Congregação. Entre 1930 e 1940 registraram-se 16 fundações. Para a Congregação, a expansão do número de escolas era importante para incrementar e financiar suas obras sociais e, por outro lado, significava também angariar o apoio das elites para seus projetos.

Filhas da elite?

Desde a Proclamação da República, a educação ganhou lugar de destaque no espaço político e símbolos e cerimônias foram utilizados com mais ênfase à medida que se desenvolvia o capitalismo no Brasil. Entre esses símbolos estavam as próprias escolas e seus prédios. As escolas da República, tanto públicas quanto privadas, faziam parte de um conjunto de símbolos que representavam antigas tradições e, ao mesmo tempo, novas necessidades de uma elite que havia sido moldada pelas relações sociais e econômicas do período áureo do café, porém encontrava-se diante da necessidade de mudanças (SOUZA, 1998).

3. Em 15/7/1908 o jornal *O Alpha*, noticia a chegada de um pastor evangélico à cidade. O espiritismo já estava presente em Rio Claro desde 1865 e em 1907 funda o Centro Espírita Fé e Caridade.

Para os grandes proprietários de fazendas cafeeiras que aderiram à causa republicana, tratava-se de inovar para não perder espaços econômicos e políticos. Mas havia um limite para a aceitação dos ideais de modernidade (MANOEL, 1996). Pairava, nos discursos, a abertura à modernidade econômica do *laissez-faire, laissez-passez*, mas controlava-se essa mesma abertura quanto aos aspectos morais, aspectos que esbarravam, entre outros temas, na questão da profissionalização da mulher. A criação e recriação de símbolos fazia parte desse ajustamento aos novos tempos. Um ajustamento conflituoso que travou lutas em diversos campos e cujos resultados foram estampados nas cidades⁴.

A região de Rio Claro abrigava, no início do século XX, grandes fazendas de café, chegando a ocupar o lugar de terceira maior produtora do Estado. A cidade carregava os símbolos do progresso da elite cafeeira: grandes casarões, luz elétrica, ampliação da linha férrea financiada pelos fazendeiros, fundação do gabinete de leitura (BAPTISTA, 1944). A fundação do *Puríssimo* foi mais um dos símbolos que construíram as representações do progresso da cidade e, especialmente, das famílias de elite. Como escreveu Elias (1987, p.50), *nenhum ser humano normalmente constituído aceita a opinião que tem de si próprio e dos valores que preza se não a vê confirmada na forma como é tratada pelos outros*. A elite rio-clarense precisava ser vista e reconhecida como estimuladora da cultura, empreendedora e defensora do progresso. A fundação do *Colégio* servia a esse fim e supria a necessidade de escolarização para as meninas dessas famílias.

Na cidade de Rio Claro, até o início do século XX, havia somente escolas destinadas a grupos muito específicos. Na segunda metade do século XIX, os presbiterianos criaram a *Escola Americana* e havia ainda o *Colégio Santa Cruz*, destinado a seminaristas. Ainda foi fundada, em 1883, a *Escola Alemã*, futuro *Colégio Koelle*. Com a Proclamação da República, no início do século XX, proliferaram os Grupos Escolares. O *Grupo Escolar Coronel Joaquim Salles*, o primeiro de Rio Claro, foi instalado em 1900, durante o período de supremacia da família Salles no espaço político municipal e nacional. Nos anos que se seguiram, outros Grupos foram fundados: *Grupo Escolar Marcello Schmidt* (1910), *Grupo Escolar Barão de Piracicaba* (1908), *Grupo Escolar Professor Irineu Penteado* (1925).

Somente um grupo muito restrito tinha acesso ao ensino no *Colégio Puríssimo Coração de Maria*. Conforme relata a *Chronica*, as crianças *pobres* seriam recebidas somente em *número reduzido*, o que definia imediatamente a quem essa escola deveria atender. Em 1911, registram-se, no livro de matrículas dessa escola, 32 alunos, enquanto que o *Grupo Escolar Joaquim Salles* atendia 571 crianças. Pode-se dizer que os alunos do *Puríssimo* eram filhos de grandes fazendeiros do café? Talvez. Não foi possível identificar qual a profissão dos pais dos primeiros alunos.

4. Sobre a criação e recriação de símbolos no período republicano: Carvalho (1990) e Galzerani (1988).

Somente por volta da década de 40 essa informação passa a fazer parte dos livros de matrícula, e ainda esporadicamente, aparecendo durante alguns anos, cessando, e depois constando novamente das anotações desses livros. A diversidade de profissões se espalha pelas folhas: são fazendeiros, profissionais liberais, industriais, comerciantes, proprietários (sem especificação maior), funcionários da Companhia Paulista. No entanto, trata-se de uma elite, se levarmos em conta o número de alunos em relação ao Grupo Escolar.

Quando a crise do café já estava instaurada e as grandes fazendas foram arrematadas, algumas famílias da elite cafeeira permaneceram em Rio Claro, outras se mudaram da capital para o interior do Estado e, como foi o caso de Ivanira Bohn Prado, algumas dessas famílias puderam optar por matricular seus filhos no Colégio *Puríssimo*. A elite cafeeira, em 1930, já havia visto ruir seu império e sua cidade de representações sentia os efeitos das constantes instabilidades financeiras. Alguns casarões foram abandonados, outros vendidos, imponentes teatros de diversas cidades foram demolidos e davam origem a novos prédios. O cenário se modificava. Era preciso reestruturá-lo, mais uma vez, dentro dos padrões da modernidade. O mesmo dilema do início da República se apresentava novamente diante dos grandes proprietários: a necessidade de inovar, para não perder espaços econômicos e políticos, mas mantendo uma moral conservadora.

Dando um salto e focalizando, agora, um outro período, vejamos como os aspectos acima destacados se entrelaçaram a partir da década de 30. Após a Revolução de 30, a intervenção nos Estados e municípios começou a trabalhar, a fim de desarticular os poderes regionais.

Todavia, sem alterar a estrutura agrária, os comandos locais permaneceram intactos. A demolição da velha ordem processou-se, conseqüentemente, sem reformulação essencial da estrutura socioeconômica anterior, e a modernização conservadora realizou-se tanto pela substituição das elites, sem que os setores emergentes na cena política se constituíssem em contra-elites, como pela justaposição das novas elites às antigas (BILAC, 2001, p.86).

Ao mesmo tempo, constituía-se um outro grupo elitizado, formado por imigrantes recém-enriquecidos, profissionais liberais, industriais e os antigos proprietários de grandes fazendas, que procuravam inserir-se nesse espaço que se configurava. Em Rio Claro,

Herdeira do município foi a classe média urbana, constituída de uns poucos antigos colonos mas, na maioria, de imigrantes que na Europa tinham vivido em cidades, e tinham chegado com uma ocupação, um capital e relações familiares (DEAN, 1997, p.182).

O poder político, no entanto, continuou nas mãos dos coronéis, cujo título não estava mais ligado à grande propriedade rural que detinham e ao grande número

de empregados a eles subordinados. Os profissionais liberais que assumiram os cargos políticos do município pertenciam à parentela ou clientela do antigo coronel, exercendo a função de trazer o coronel para o presente e dele necessitando para garantir seus votos. Alguns imigrantes que também se tornaram *coronéis* encontraram espaços na política regida pelos fazendeiros que os cooptaram, antes que pudessem se tornar oposição⁵.

Para Baptista, o ideário do apogeu e do progresso foi reproduzido na cidade pelos que ficaram e pelos que chegavam, os imigrantes *coronéis*, procurando obter a sua inserção na cidade. Os símbolos da elite rio-clarense do período do café foram alicerçados sobre uma base aparentemente contraditória: a tradição e o progresso. E foi a partir daí que esses símbolos se desenvolveram e foram reutilizados nas mãos de uma *nova/velha elite*⁶.

Representações da escola de qualidade: da procissão ao desfile

1928. Neste ano foi aberta a Escola Normal Livre anexa ao *Colégio*. Focalizando esta data e seu entorno pretendo compreender como a imagem de escola feminina de qualidade se desenvolveu. De uma imagem de escola austera e fechada ao público, o *Colégio* abriu-se gradualmente a atividades públicas, expondo-se e carregando uma mensagem.

Esta mensagem era carregada, em primeiro lugar, em seu próprio nome: *Colégio Puríssimo Coração de Maria*. Hoje chamado apenas de *Puríssimo* pela população da cidade, seu nome evoca significados.

Limpo, sereno, claro, límpido. Imaculado, casto, virginal, cândido, inocente, virtuoso. Incontestável, verdadeiro, fiel, exato, inteiro, completo. Singelo, sincero. Simples, mero, só, único. Correto, irrepreensível, perfeito, castiço. Suave, mavioso. Tranquilo (FERNANDES, 1990).

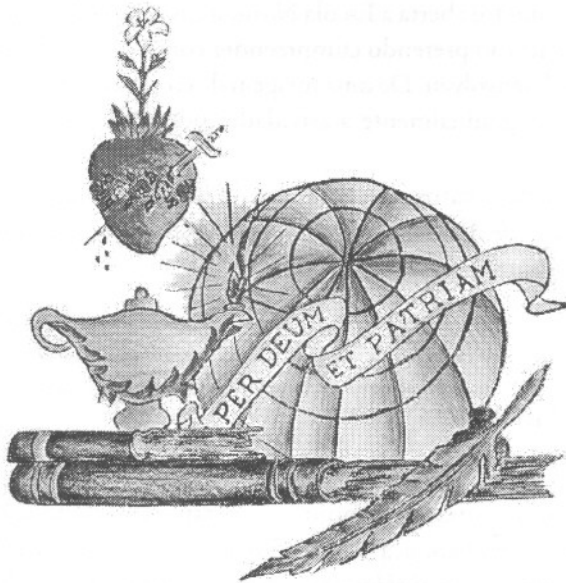
A *pureza*, no Velho Testamento, relaciona-se com a idéia de energia vital. Ainda conforme Fernandes, qualquer impureza corresponderia a uma diminuição dessa energia. Na linguagem hebraica, no entanto, a palavra *puro* carrega um simbolismo: '*thator*' (*puro*) *significa, originalmente, 'abrindo-se para a luz, brilhante como a luz'*; '*thame*' (*impuro*) *é, inicialmente, 'barrento, sujo'* (LURKER, 1997, p.578). A

5. Somente no final da década de 40, os trabalhadores operários começaram a ocupar cargos políticos no município, ao mesmo tempo que os laços de parentesco com os primeiros coronéis tornaram-se cada vez menos freqüentes. Bilac (2001).
6. O número de filhas de imigrantes aumentou entre as décadas de 40 e 60, declinando novamente em meados de 60. Os dados coletados são parciais, visto que os livros de matrículas nem sempre fornecem dados com continuidade em anos diferentes. No entanto, é possível observar uma movimentação maior de imigrantes na escola.

associação da idéia de *pureza* à *pureza espiritual* remonta a Hesíodo, mas, no cristianismo, a dimensão espiritual e moral da *pureza* está totalmente presente no Novo Testamento, onde *os antigos preceitos de pureza são declarados inúteis se não forem expressão da pureza de coração* (LURKER, 1997, p.578).

No nome do *Colégio*, a idéia de *puro* se liga, inicialmente, ao substantivo *coração*, sede da alma, do sentimento e da coragem, como em Homero, e da consciência, como no budismo. Em Rio Claro diz-se frequentemente *o Puríssimo*. A idéia de *puro* desligou-se do *coração de Maria* para ligar-se à instituição, ao substantivo *Colégio*, direcionando a ele o adjetivo e compondo uma imagem: a do *Colégio Puríssimo*.

O símbolo da escola, talvez onde a evidência da ligação da idéia de pureza ao *Colégio* seja maior, foi desenhado pelo professor Roberto Leonardo, titular da cadeira de Desenho, por volta de 1940. O símbolo evoca o coração de Maria, mas liga-o ao conhecimento.



Símbolo do Colégio (Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio)

O livro, a pena e a tinta representam o conhecimento. Os livros sustentam a lâmpada com a luz que ilumina o mundo. A lâmpada apresenta ainda um sentido dúbio: a luz pode advir da religião e/ou do conhecimento. O coração de Maria está presente, trespassado por uma espada, mas, ao mesmo tempo, dele brota uma flor. Os dizeres *Per Deum et Patriam* remetem ao ideário do período em que foi criado este símbolo, quando as escolas eram projetadas para fora de seus muros,

colaborando com a construção simbólica e o espetáculo do Estado Novo no culto à pátria e, ao mesmo tempo, construindo suas próprias representações. Nesse período, os dois poderes, espiritual e temporal, apoiavam-se mutuamente em suas construções simbólicas e ritualísticas, a fim de se fortalecerem.

Festas religiosas internas, retiros, missas, primeiras comunhões, fundações e visitas de autoridades religiosas, ocupam quase todo o espaço da *Chronica* até por volta de 1940. No entanto, uma modificação gradativa se processa. Outros elementos foram acrescentados e a descrição de acontecimentos que ultrapassam o universo escolar, que até então se apresentava restrito aos estudantes, ganhou maior espaço. Ao lado das quermesses, festas das missões e as tradicionais festas da padroeira da Congregação, desenrolavam-se solenidades de inaugurações, festa do centenário do Ensino Normal, procissões, festas cívicas e conferências, que preenchem grande parte do volume dois do *Livro de Chronica*. Ao mesmo tempo em que o *Colégio* se abria, fosse para receber familiares ou outros cidadãos em suas festas, também ultrapassava seus muros e colocava-se nas ruas da cidade.

O Curso Normal do *Puríssimo*, inaugurado em 1928, contribuía fundamentalmente com a imagem que a escola começava a transportar para o espaço público. Desde sua fundação, eram oferecidos o Curso Primário e depois o Complementar. Foi acompanhando os impulsos de expansão do ensino nesse período que foi fundada a Escola Normal Livre anexa ao *Colégio*, posteriormente, em 1953, equiparada às Escolas Normais do Estado. Nada se comparava ao prestígio desse curso naquela época. Era necessário formar professores para suprir os quadros dos novos grupos escolares e demais escolas que se espalhavam pelo País. Juntando-se à idéia da escola como meio para solucionar os problemas sociais, criou-se um imaginário em torno da figura do professor, da escola e da normalista.

Aqui, tomo três cerimônias/rituais significativos para a exposição da imagem de escola de qualidade: as procissões, as conferências e os desfiles. Nestas apresentações públicas, as alunas, professores e freiras do *Puríssimo* carregavam a imagem da escola em seus modos de vestir e se comportar e eram, eles mesmos, representações do *Colégio*.

Nas procissões estavam as alunas do *Colégio* com suas fitas azuis, vermelhas ou amarelas, hierarquicamente dispostas em suas associações e estas, por sua vez, colocadas na ordem determinada pelo padre. Estavam também os *anjinhos* - como Therezinha Sitolin, cuidadosamente enfeitada por sua mãe - que, após o término da cerimônia, recebiam saquinhos com bombons para recompensar sua participação na festa⁷.

7. No programa das festividades de *Corpus Christi*, publicado no jornal *Diário de Rio Claro* de 9 de junho de 1941, pedia-se a presença de *anjinhos* e *virgens* aos quais serão ofertados lindos saquinhos com bombons.

E as bandeiras na procissão? Era uma honra quem fosse carregar a bandeira. A procissão era uma apoteose! Porque, além do uniforme de gala, você se embonecava, se emperiquitava toda e tinha que botar mantilha branca. E as meninas ficavam: “a minha é da Espanha, a minha é da França”. E aquele ar contrito, aquela coisa de virginal mesmo!⁸

As alunas do *Puríssimo* se destacavam, ordenadas e disciplinadas, com suas mantilhas, uniformes de gala e meias de seda. As freiras cuidavam para que nada atrapalhasse a boa apresentação de suas alunas, não permitindo que vestissem outra blusa além daquela do uniforme, conforme relata uma ex-aluna. O *ar contrito* dava o toque final ao quadro onde elas se apresentavam tal como anjos: belas e puras. As alunas se diferenciavam dos outros participantes, formando um grupo coeso, mas também se diferenciavam entre si pelo pertencimento ao Apostolado de Oração, pelo merecimento em carregar a bandeira e até mesmo pelas meias e mantilhas. Nas entrevistas realizadas com ex-alunas, o *glamour* das procissões presente nas lembranças de algumas, não é compartilhado por aquela que esteve presente na escola com bolsa de estudo. Como em um sonho, ela transita, olha, mas parece ver tudo à distância. Ela, bolsista, não pertence àquele mundo.

As roupas, o modo de se portar, a fita e a bandeira eram os símbolos mais evidentes que demarcavam o espaço, estabelecendo, como afirma Debord (1997), uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. Imagens daquilo que eram as alunas e suas famílias, imagens daquilo que pareciam ser ou daquilo que pretendiam ser. Não era somente um espaço de representar e de apresentar uma imagem, mas também de construir relações entre grupos, onde as pessoas deveriam tomar ou não distância de uns e outros (ELIAS, 1987).

Antes de tudo, participar das procissões significava adesão a um conjunto de crenças e conhecimento comum de signos católicos. A despeito do controle e ordenamento contidos nesse ritual, desenvolviam-se apropriações diferenciadas pelos participantes. Para uma ex-aluna, a procissão favorecia a paquera e era motivo para sair de casa, já que para *moças de família* não era adequado sair com frequência à noite.

Nessa cerimônia, o Colégio ocupava posição de destaque, conforme registrava-se, em 1950, no segundo livro de *Chronica*, p.17:

A 11 de junho a Escola tomou parte na solene procissão de Corpus Christi. Como todos os anos, foi armado o altar à frente de nossa Capela, para uma das bênçãos do SS Sacramento.

No programa das festividades de *Corpus Christi*, publicado no *Diário de Rio Claro* em 9 de junho de 1941, a organização da procissão estava assim estabelecida:

8. Entrevista com ex-aluna Dolores Gimenez.

As 15.30. Solene procissão do CORPO DE DEUS com a pompa e respeito devidos à Majestade Divina que, na Sagrada Hóstia, irá conduzida pelo Sacerdote. Assim, em triunfo passará pelas principais ruas da cidade, espargindo suas preciosas bênçãos. (...) Serão distribuídas três bênçãos: 1ª no Colégio Coração de Maria; 2ª na residência da Exma Sra D. Rosa Castelano e 3ª na Matriz. Nesta procissão tomarão parte o Rvmo. Clero e todas as Associações Religiosas da Paróquia, que deverão obedecer a ordem estabelecida nos ofícios que lhes foram dirigidos.

A passagem e bênçãos estavam definidas somente para três privilegiados lugares, entre eles, o *Puríssimo*. Distingua-se o *Colégio* com semelhante ato, que era retomado anualmente e, dez anos depois, ainda era relatado na *Chronica*.

Depois de estender-se pelas ruas da cidade, o *Puríssimo* recolhia-se de novo para dentro de seus muros. Alunas, alunos, famílias e pessoas da cidade freqüentavam as conferências apresentadas no salão nobre do *Colégio*.



Conferência proferida pela escritora Maria Helena Silveira no salão nobre do Colégio *Puríssimo*, 1959.
(Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio)

O jornal *Diário do Rio Claro*, em 21 de agosto de 1940, assim se referia às conferências realizadas no *Puríssimo*:

A Escola Normal é, em sua cidade, um centro de irradiação que pode beneficiar também a população local. Por suas festas, pelas conferências de seus professores,

por suas associações, por sua bibliotheca aberta a todos, dará a escola o que estiver ao seu alcance em favor do desenvolvimento cultural da localidade.

Assim se expressou o mais alto órgão da administração escolar paulista. (...) Fiel a essas directrizes, a Escola Normal 'Puríssimo Coração de Maria', superiormente dirigida e com um corpo docente escolhido, de idéias novas acerca dos problemas educativos, vem realizando trabalho apreciável, firmando sempre o conceito em que sempre foi tido de estabelecimento effectivo de suas finalidades.

Amostras desse trabalho são fornecidas pelas reuniões festivas que se realizam freqüentemente naquele educandário. Educadores notáveis como os professores Sud Mennucci e João de Souza Ferraz, além daquelles que mourejam no estabelecimento, ali se fizeram ouvir, em memoráveis serões de cultura e brasilidade, com crescente interesse por parte de quantos prezam as coisas do espírito.

O jornalista reproduzia as palavras do Departamento de Educação e apontava o *Puríssimo* como progressista em suas idéias e como ponto de irradiação cultural na cidade. O estímulo às atividades mencionadas, evidentemente realizadas em profusão no *Colégio*, a partir da década 40, era imprescindível para a sustentação do novo regime. Apoiava-se o Estado em propaganda que alardeava o desenvolvimento de um estado de bem-estar social, com educação e trabalho para todos. O *Puríssimo* aparece no texto como uma escola atenta à modernidade e cônica de suas funções.

Após 1940, grande parte das conferências realizadas no *Puríssimo* eram providenciadas pelo Clube Educacional. Os centros cívicos foram estimulados pelo Estado Novo, assim como a Juventude Brasileira, baseados em experiência nazista e fascista⁹. A denominação utilizada no *Puríssimo*, Clube Educacional, provavelmente procurava dar ênfase aos aspectos pedagógicos desenvolvidos pela entidade, já que essa estava ligada ao Curso Normal do *Colégio*. O Clube aparece no jornal *Diário do Rio Claro* como o grande promotor de cultura na cidade.

Nas conferências celebrava-se a cultura e o professor como seu difusor. Mesclavam-se palestras e recitais e o romantismo estava presente na escolha das músicas. Nas apresentações do orfeão, uniformes impecáveis, homogeneidade, ordem e disciplina dos corpos saltam das fotos guardadas no *Colégio*. Impossível não recordar um batalhão de soldados. Hábitos corporais e subjetividades eram construídos e mostrados. Sendo a *hexis corporal* um dos suportes principais para o julgamento, essas apresentações forneciam o sistema de índices através dos quais

9. A criação da Juventude Brasileira nas escolas (associação cujas características estavam ainda mais próximas das associações de jovens criada na Alemanha nazista) já estava prescrita na Constituição de 1940. Essa associação diferenciava-se dos Centros Cívicos por ter como finalidade o desenvolvimento e disciplinamento do corpo através de ginásticas militares. Visava, assim, a uma espécie de formação militar básica para o jovem. Já os centros cívicos encarregavam-se de difundir os ideais estadonovistas, através de programações culturais e festas cívicas.

era reconhecida-irreconhecida uma origem de classe (BOURDIEU, 1999).
Aprendia-se a olhar e a ser visto.



Orfeão formado pelas alunas do Normal
apresenta-se no salão nobre do Colégio *Puríssimo*, 1959
(Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio)

Entre os conferencistas estavam poetas, juristas, políticos e diretores de escolas: Carolina Ribeiro (diretora da *Escola Normal da Capital*), Guilherme de Almeida (poeta), Miguel Reale (jurista, filósofo e sociólogo, professor da *Faculdade de Direito de São Paulo*, adepto do integralismo), Plínio Salgado (escritor, político, fundador da AIB, Ação Integralista Brasileira), Silveira Bueno, Jorge Leme (chefe de Educação da Escola Normal do Colégio *Progresso Campineiro*), entre outros. Alguns retornavam ao *Colégio* para novas conferências durante vários anos.

Vejamos o que diz o segundo livro de *Chronica* (1947, p. 2), a respeito das finalidades das conferências:

A direção da Escola tem-se interessado para que conferencistas notáveis venham aqui realizar substanciosas palestras que despertem sempre mais nos jovens estudantes o amor e a admiração pela pátria e seus gloriosos antepassados.

O aprendizado do amor pátrio registra-se como uma das grandes finalidades das conferências, ao lado da reverência aos *gloriosos antepassados*, heróis criados pelo regime. Assim como as procissões eram obrigações com a Igreja, as conferências e desfiles eram atividades que compunham o rol de cerimônias de comemoração de datas cívicas, obrigações com o Estado. Atinentes aos objetivos das conferências expressos na *Chronica*, os temas versavam sobre educação moral; sobre homens que eram exemplos das virtudes contidas nessa moral; sobre a pátria e o papel da mulher frente a ela.

A 20 de Maio realizou-se uma notável conferência no Salão de nossa Escola pelo Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, Dr Miguel Reale. O assunto versou sobre a figura inconfundível de Rui Barbosa, de quem a mocidade tem sempre o que aprender e que, com a inflamada eloquência e sabedoria do ilustre conferencista, apresentou-se-nos sob um prisma novo de profundas e aproveitáveis lições morais. Entre as inúmeras qualidades de Rui, comentadas nessa ocasião, o Dr Miguel Reale ressaltou uma que toca mais de perto a mocidade estudantina feminina: Rui compreendia o alto valor da educação moral da mulher. Daí a célebre frase do grande brasileiro: "Educar um homem é educar um homem, educar u'a mulher é educar uma geração". Esta conferência despertou geral agrado em todos os assistentes que folgaram com a feliz oportunidade de ouvir tão insigne orador (LIVRO DE CHRONICA, II, 1950, p.2).

Podemos imaginar o desenrolar da frase nas palavras do conferencista. As conferências constituíam-se em forças que compunham as estratégias para disciplinar e administrar¹⁰, ao passo que divulgavam valores tratados como únicos, naturais e ideais.

No Brasil, o movimento feminista desenvolveu-se com maior força a partir da segunda metade do século XX. Somente operárias, mulheres pobres, trabalhavam fora de casa. Nas classes elitizadas, o trabalho fora do lar era essencialmente masculino. Apesar de modesto, no início da década de 30, o movimento feminista trazia idéias inovadoras. Para se contrapor a elas, Igreja e Estado Novo erguiam a bandeira da grande tarefa da mulher frente à pátria: a educação dos filhos. Esta idéia seria estendida também para a professora, a mãe simbólica. As *lições morais* contidas nas conferências referiam-se às qualidades morais e virtudes então valorizadas, evocando imagens espetaculares da mãe e da professora. Imagens/mercadorias à venda na escola. Diferindo das escolas de elite que formavam damas, o *Puríssimo*, progressista nas palavras do jornalista, formava a professora/mãe.

10. Examinados no contexto da ação simbólica, os rituais podem ser percebidos como transmissores de códigos culturais (informação cognitiva e gestual) que moldam as percepções e maneiras de compreensão dos estudantes; os rituais inscrevem tanto a "estrutura superficial" quanto a "gramática profunda" da cultura escolar (McLAREN, 1992).

Os desfiles das escolas em datas cívicas também se revelavam como ocasiões espetaculares, onde os participantes e espectadores, receptores das imagens ideais, aprendiam o que então se considerava noções de civismo.



Desfile do Colégio *Puríssimo*, 1953. Grupo de ginástica à frente, usando tênis.
(Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio)

No dia 9 de julho de 1940, publicava-se no jornal *Diário do Rio Claro* a notícia sobre as cerimônias realizadas na cidade, em homenagem ao prefeito Francisco Penteado Júnior:

O desfile escolar constituiu um dos fatores que muito contribuíram para o brilho das homenagens. Estão de parabéns os distintos professores Waldomiro Silveira, Delegado Regional do Ensino local, que o organizou e Armando dos Santos, Inspector Escolar e demais professores José Augusto Fessel e Marino Pinto de Barros César, Inspectores de Limeira e Jahú, dirigentes da imponente passeata.

A narrativa é repleta de detalhes. O jornalista procurou apresentar os grupos escolares tais como na seqüência do desfiles, descrevendo a apresentação dos alunos e ressaltando as mensagens escritas nos cartazes que carregavam. O Grupo Escolar *Coronel Joaquim Sales* assim se apresentou: *Em letras recortadas nas côres verde e amarello, pregadas em artístico arco, lia-se o seguinte: 'Viva o nosso Prefeito'*. O Grupo Escolar *Marcelo Schmidt* apresentou ciclistas e as seguintes frases: *Ao dr Penteado homenagem das professoras; ao D.D Prefeito Municipal os Escolares do Marcelo S.:*

Salve dr. Getúlio Vargas! Viva dr Adhemar de Barros. Em seguida noticia-se a passagem do *Puríssimo*:

Desfilaram as alumnas da Escola Normal num conjunto garboso, uniforme, bello. À frente, entre duas guardas de honra, a porta bandeira trazendo desfraldado lindo pavilhão nacional. Trazem os dísticos: 'Homenagem da Escola Normal; Homenagem do Gymnasio Coração de Maria'. Em frente a tribuna uma das alumnas ergue um brado de saudação ao Prefeito, correspondido por todos os alumnos.

A fanfarra do *Puríssimo* também destacava-se nas apresentações.



Fanfarra do Colégio, 1956. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio *Puríssimo*.

O objetivo dessas cerimônias era assim explicitado no *Livro de Chronica II*, (1947, p.2):

Festas Cívicas

Nossa escola tem-se esmerado em proporcionar aos nossos alunos ocasiões de aprender e pôr em prática o amor pátrio para o que muitos movimentos foram organizados. Na data magna da História Brasileira, principalmente, a Escola tem emprestado galharda colaboração, merecendo os primeiros lugares nos desfiles imponentes realizados nesta Cidade. Não menos majestosas foram também as festas internas, em presença das autoridades locais e de fora. As outras datas nacionais foram também festejadas procurando-se sempre emprestar o maior brilho às mesmas, concorrendo muito para isso a boa vontade e o entusiasmo de nossos bons professores.

Anos mais tarde, 1952, a *Chronica* (p.29) ainda ressaltava:

(...) Com estas manifestações (desfiles, comemorações cívicas), sempre tivemos em vista dar ao estudo um cunho prático, procurando inculcar, no espírito das crianças, um espírito, digo, um patriotismo sadio.

As finalidades dos desfiles divergiam: para a cronista, o sentimento patriótico, seus grandes feitos e os homens por eles responsáveis eram louvados. Para uma ex-aluna era o momento da paquera, o momento de se vestir como adulta. Mesmo no caso da paquera, a cerimônia proporcionava um momento de escolha e, normalmente, uma escolha entre iguais.

Da procissão que louvava Deus ou um santo, passando pela conferência onde as virtudes divinas eram transportadas aos mortais objetos das conferências, até os desfiles onde se exaltava um exemplo dessas virtudes e seus feitos, essas cerimônias construíam um modelo a ser seguido e, ao mesmo tempo, apontavam o lugar onde ele poderia ser realizado: o Colégio *Puríssimo Coração de Maria*.

No mês de novembro foram comemoradas as datas da 'Proclamação da República' e da 'Bandeira'. Como sempre, nossa Escola, baseada em que o futuro honroso da Pátria depende dos sentimentos de civismo que germinam nos corações dos jovens, não deixa de cultuar os grandes feitos históricos e de lembrar o exemplo dos homens que construíram nossos dias (LIVRO DE CHRONICA, 1946, p.44).

Sacralizava-se o profano, deslocando-se a representação de sagrado — de Deus para a pátria, dos santos para os homens. Três cerimônias públicas ou rituais não *representavam*, somente, mas também *construíam* relações entre grupos, onde a posição cerimonial visível era identificada com a posição social real (CHARTIER, 1990). Três cerimônias que participavam ou eram, elas mesmas, parte do espetáculo de uma sociedade. A cisão entre imagem e realidade estava feita. E nessas cerimônias ofereciam-se mercadorias, vendiam-se essas imagens. Conforme Debord (1997, p.20), o *espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem atual faz a respeito de si mesma, seu monólogo laudatório*.

O *Puríssimo* estava mergulhado na lógica do espetáculo (que talvez apresente sua forma mais evidente no Estado Novo) e, por isso, participou dessa lógica: primeiro, porque a Igreja é um poder e o poder administra o espetáculo; segundo, porque não poderia escapar dele, mesmo como espectador.

As imagens do emprego do tempo no *Puríssimo* eram aquelas do tempo consumido com atividades culturais, científicas ou religiosas. E o tempo de consumo das imagens era todo aquele que se passava na escola ou intensificado nas cerimônias/rituais das procissões, conferências e desfiles. Os exemplos dos personagens forneciam a imagem desejável: virtudes e sociabilidade como higienização, polimento, convívio entre conhecidos e estranhos, controle de

sensibilidades e práticas sociais (GALZERANI, 1998). Eram relações sociais mediadas por imagens. O espetáculo era o capital cultural em tal grau de acumulação que se tornou imagem, conforme afirmou Debord.

A escola de qualidade era aquela onde havia segurança, alegria cristã, exemplos de fé, ciência e cultura, conforme escreve uma ex-aluna em sua poesia comemorativa dos noventa anos do *Colégio Puríssimo*. Essas eram as imagens difundidas nas cerimônias. As procissões e as meninas castas e contritas, seguindo e oferecendo exemplos de fé; a ciência e a cultura presentes no salão do Colégio em noites de conferências; a comunhão dos exemplos de fé e patriotismo na palestra de Ulisses Guimarães; o amor pátrio, a tradição da rememoração de homens ilustres e seus feitos nos desfiles. A escola de qualidade era aquela que expunha na vitrine os resultados da boa educação que transmitia: alunas plenas de virtudes, futuras professoras.

Referências bibliográficas

- BAPTISTA, Maria Rosa B. *Rio Claro: as pedras da cidade*. 1944. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo – USP.
- BILAC, Maria Beatriz B. *As elites políticas de Rio Claro*. Recrutamento e trajetória. Piracicaba/Campinas: Editora Unimep/Editora da Unicamp, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (org). *Pierre Bourdieu: Escritos de Educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.
- CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, 1990.
- DEAN, Warren. *Rio Claro – um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa*. São Paulo: Globo, 1990.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva – Fapesp; Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- GALZERANI, Maria Carolina Bovério. *O almanaque, a locomotiva da cidade moderna, décadas de 1870 e 1880*. Tese (Doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 1988.
- LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MANOEL, Ivan A. *Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

McLAREN, Peter. *Rituais na escola*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 1988.

MOURA, Pe. Laércio Dias. *A educação católica no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

RELATÓRIO de Obras. Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Sociedade Educação e Caridade.

SOUZA, Rosa Fátima de. *O direito à educação: lutas populares pela escola em Campinas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.